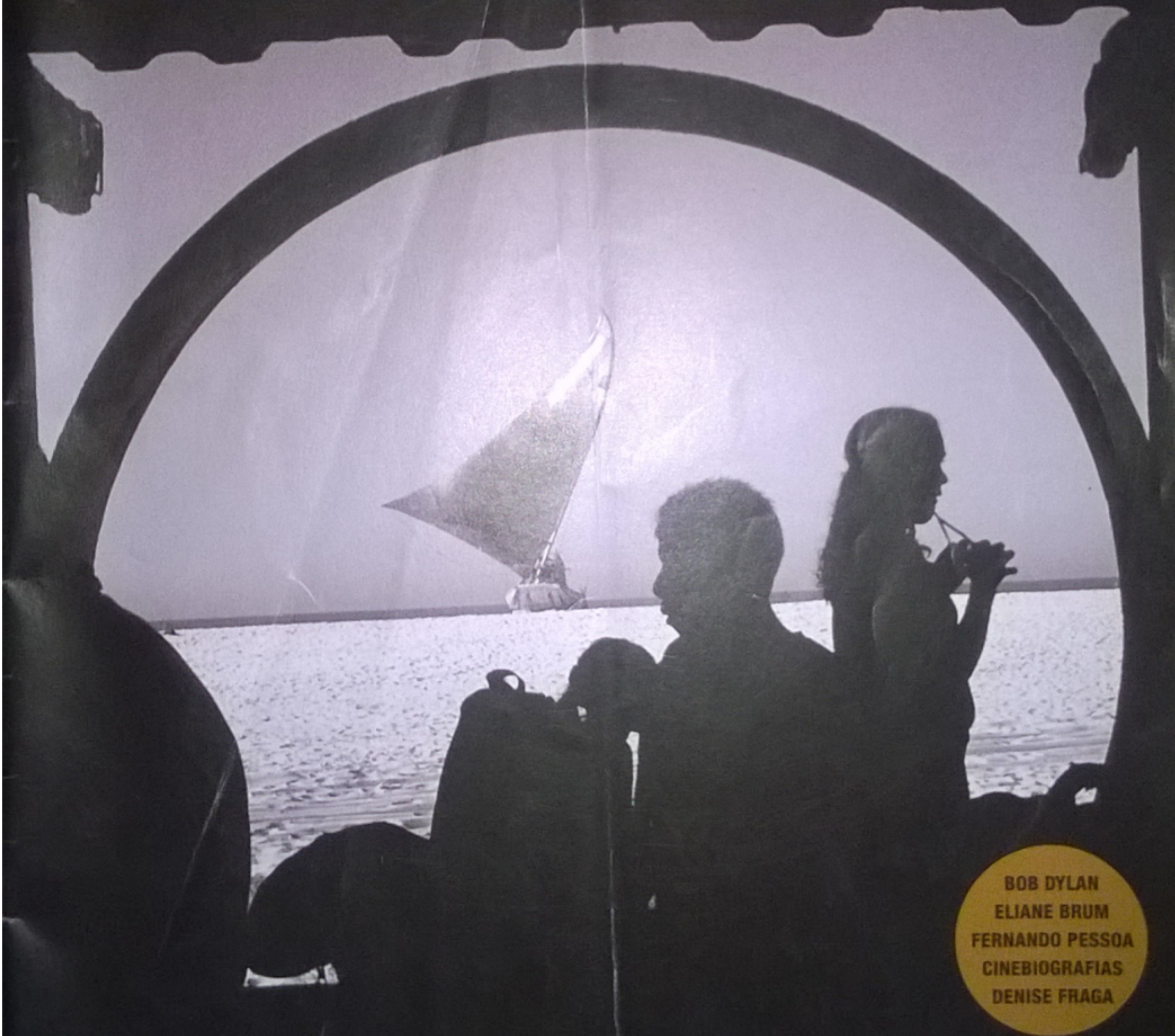


revista da cultura

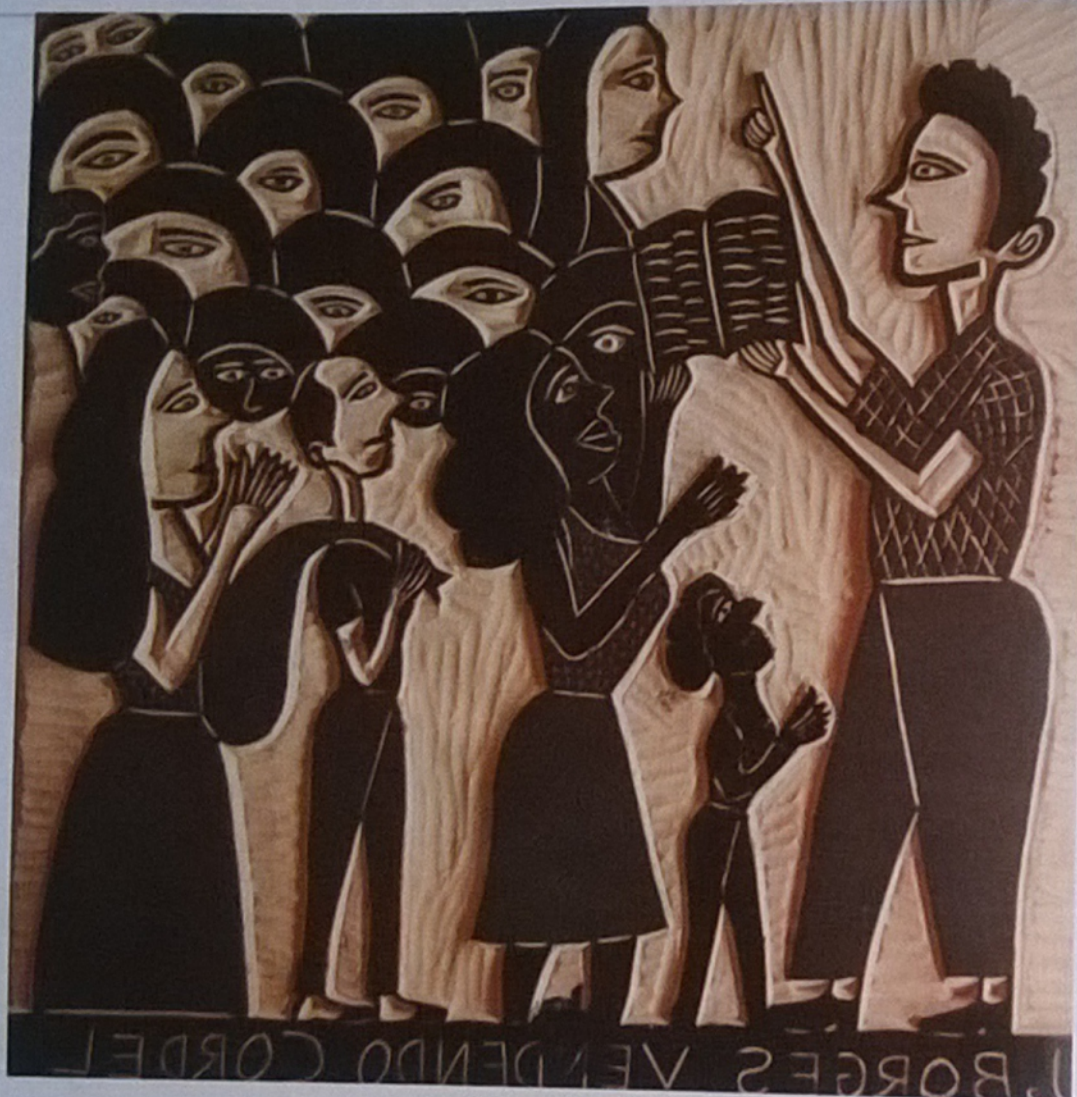
EDIÇÃO 48 • JULHO DE 2011 • UMA PUBLICAÇÃO DA LIVRARIA CULTURA



BOB DYLAN
ELIANE BRUM
FERNANDO PESSOA
CINEBIOGRAFIAS
DENISE FRAGA

POESIA DOS LUGARES

UM ENSAIO INSPIRADO PELAS PAISAGENS QUE MARCARAM VIDA E OBRA DE GRANDES ESCRITORES BRASILEIROS



O IMORTAL CORDEL

REPRESENTANTE DA CULTURA POPULAR NORDESTINA,
A POESIA RIMADA QUE CONTA TODO TIPO DE HISTÓRIA
CHEGA À INTERNET, É POPULARIZADA PELA PUBLICIDADE,
INSPIRA NOVELA DE TV E FICA MAIS ATUAL DO QUE NUNCA

POR PAULO ARAÚJO

É

bem provável que na noite de 1º de maio, quando a metade ocidental do planeta foi dormir sem acreditar na notícia da morte do terrorista Osama Bin Laden, muitos poetas populares em algum lugar do Nordeste não tenham conseguido pregar o olho. Ficaram imaginando como iriam narrar em forma de versos o fim cinematográfico que os americanos deram no homem mais procurado do mundo. Assim o cordelista Antônio Barreto, de Santa Bárbara (BA), começou a descrição d'A Morte de Bin Laden na Boca do Povo (disponível no blog www.barretocordel.wordpress.com):

*O suposto assassinato
Ordenado por Obama
Aniquilando de vez
O seu ex-parceiro Osama
Caiu na boca do povo
Que este cordel proclama.*

*Quando Obama anunciou
Tal fato no Paquistão
Peguei caneta e papel
Pra colher a opinião
Do povo de Salvador
E cordelizar, então.*

Pode parecer curioso, mas é assim em algumas cidades pequenas até hoje por mais que tome conhecimento dos fatos por meio de TV, rádio e cada vez mais da internet, como no exemplo acima, muita gente espera a versão dos cordelistas para as mesmas histórias. "É como se o cordel fosse o jornal diário, fonte de informação e também de prazer, pois sempre é lido com aquele sorriso no canto da boca", teoriza o analista político potiguar Ciro Pedrosa, um leitor ávido dos folhetos. Foi assim também com o casamento do príncipe William com a princesa Catherine, a morte de Michael Jackson, a derrota do Brasil nas últimas duas Copas do Mundo, a eleição de Dilma Rousseff, as enchentes que castigaram Pernambuco etc.

UMA HISTÓRIA DE TRANCOSO

Tudo começou na Europa com os trovadores medievais, sujeitos que reuniam pessoas em torno de si para contar histórias antigas nas praças e feiras livres empunhando uma viola. Geralmente as narrativas cantadas giravam em torno de viagens, conquistas amorosas, heroísmo e guerras. Foi na época medieval, por sinal, que se tornaram populares epopeias como a do rei Carlos Magno e dos seus Doze pares de França [expressão sobre a tropa de elite pessoal composta por doze cavaleiros], Amadis de Gaula, Lazarillo de Tormes e principalmente as chamadas "histórias de trancoso". Esse termo refere-se ao escritor português Gonçalo Fernandes Trancoso (1510-1580), autor do livro *Contos & histórias de proveito & exemplo*, um conjunto de 41 contos publicado no século 16 que, assim como muitos outros textos daquela época, tiveram como inspiração o clássico *Decameron*, do italiano Giovanni Boccaccio (1313-1375). De tão

Mestre da litogravura, o cordelista pernambucano J. Borges, de 75 anos, continua na ativa e é um dos nomes de maior referência neste gênero literário



FOTOS: LUSTY ART

famosa e popular em Portugal e depois no Nordeste brasileiro, a obra de Trancoso passou a denominar todo o conjunto de histórias populares transmitidas de forma oral. Tudo ficção, com o único propósito de divertir o povo, como nesse trecho do famoso folheto *A chegada de Lampião no inferno*, do pernambucano José Pacheco (1890-1954), um dos maiores expoentes do cordel de todos os tempos:

*Um cabra de Lampião
De nome Pilão deitado
Que morreu numa trincheira
Naquele tempo passado
Agora pelo sertão
Anda correndo visão
Fazendo mal-assombrado.*

*E foi quem deu a notícia
Que viu Lampião chegar
O inferno nesse dia
Faltou pouco para virar
Incendiou-se o Mercado
Morreu tanto cão queimado
Que faz pena até contar*

Em Portugal, os pequenos livretos impressos em Coimbra, Lisboa e no Porto eram vendidos dependurados em cordões, daí o termo literatura de cordel. No Brasil, no entanto, eles sempre ficaram expostos em malas ou esteiras no chão das feiras livres. "Na verdade, cordel é um termo que os pesquisadores europeus popularizaram nos anos 60, mas é mais conhecido pela maioria das pessoas como folhetos ou versos de feira", explica a escritora e pesquisadora paraibana Clotilde Tavares, autora do romance *A botija* e de um estudo inédito sobre a relação entre tal expressão cultural e a publicidade. Esse ramo da comunicação, aliás, descobriu a riqueza da poesia popular há mais de três décadas e hoje é um dos principais responsáveis pelo renascimento do gênero.

SAFRAS DE SÃO FRANCISCO

Do Nordeste vem muita coisa boa. De lá, nos influenciaram, além da deliciosa literatura de cordel, os temperos, a rica comida, a música vibrante, a simpatia e um modo de vida inspirador. O que talvez você não saiba é que no Nordeste, hoje, precisamente na região em volta de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), se produzem vinhos. Apesar de estar totalmente fora das zonas tradicionais produtoras, o plantio de uvas é uma realidade. Com uma viticultura peculiar, regida pelo calor, pode-se obter até duas safras por ano, com uvas bem maduras, cheias de açúcares, dando vinhos com boa graduação alcoólica. As uvas tintas mais plantadas são a Cabernet Sauvignon e Syrah. As brancas são Moscatel, Chardonnay e Sauvignon Blanc. Se você ainda não provou, que tal experimentar, junto com a boa cultura do Nordeste, uma taça de vinho das uvas que crescem banhadas pelo Velho Chico? Beba Vinho!



ALEXANDRA CORVO | www.ciclodasvinhas.com.br



Nessa e na página ao lado, a impressão e a matriz da xilogravura Lampião e Maria Bonita, do artista cearense Klévisson Viana

No Brasil, a literatura de cordel é produzida principalmente em Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia. Mas também se faz presente em outros estados, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e no Distrito Federal, resultado do fluxo migratório do Nordeste para essas regiões. É possível comprar os folhetos em feiras de antiguidades, como na Praça Benedito Calixto, em São Paulo, da Torre de TV, em Brasília, e na de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. "O gênero se mantém vivo e está passando por um renascimento promovido pela TV, internet, publicidade e pesquisas acadêmicas em diversos países", diz o poeta e pesquisador cearense Klévisson Viana, membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), com sede no Rio de Janeiro. Autor de mais de 25 livros sobre o tema e outros 100 folhetos, ele ocupa a cadeira de número 11 - cujo patrono é José Pacheco - e é um dos proprietários da Editora Tupyniquim, que já lançou mais de 800 títulos de aproximadamente 100 poetas em Fortaleza. "O carro-chefe do cordel é o romance, pois são histórias longas com começo, meio e fim, além de personagens complexos, que exigem engenho maior do poeta", complementa. "Utilizamos muito a sextilha, que são estrofes de seis versos, em que apenas os pares rimam, os ímpares não". Dessa forma, na versão cordelizada de Klévisson a introdução de Dom Quixote ficou assim:

*Espanha belo país
foi lá que viveu Miguel
De Cervantes, que escreveu
Com nanquim, pena e papel
A história de Dom Quixote
Que eu refiz em cordel.*

*Quem foi esse Dom Quixote?
Foi um louco, um sonhador?
Visionário ou lunático
Em um mundo enganador?
Ou foi alguém que buscava
Pra vida um real valor?*



IMAGINÁRIO NA TELEVISÃO

Desde abril, o público brasileiro vem sendo arrebatado pela beleza desse gênero literário com a exibição da novela *Cordel encantado*, da TV Globo, de autoria da dupla Thelma Guedes e Duca Rachid. Ambientada entre o fictício reino de Bealinda e a cidade sertaneja de Brogodó, a trama tem arrebatado os telespectadores de todas as idades e regiões do país e chega a marcar 28 pontos no Ibope de Grande São Paulo, revelando detalhes da cultura nordestina sem derrapar em clichês de outras produções da emissora no passado. Apesar de não ter diálogos escritos em forma de versos, o folhetim passa por reviravoltas diárias inspiradas em grandes clássicos do cordel, como as histórias de João Grilo e Pedro Malazarte. "A mistura dos universos do cangaço com a realeza europeia no roteiro certamente é um dos grandes responsáveis pelo sucesso da trama", aponta Eduardo Pinto, professor de semiótica nos cursos de Publicidade e Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. "O conto de fadas filmado com uma película que se aproxima muito da de cinema também é outro diferencial", conclui.

Bem longe do universo nordestino onde é ambientada, o escritor paulista César Obeid tem promovido uma verdadeira revolução nada silenciosa para trazer o gênero aos olhos de novos leitores. Autor de diversas adaptações de histórias clássicas para o formato dos folhetos, Obeid teve o livro *Minhas rimas de cordel* classificado com o selo de "altamente recomendável" pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil em 2005. Por meio de oficinas de leituras e de contações de histórias em colégios paulistas, o autor abre uma porta de entrada a futuros leitores de poesia. "Ao deparar com a beleza dos versos e descobrir que também pode fazê-los, as novas gerações ficam encantadas", aposta. "Esse renascimento é vital para a literatura".

Mas o cordel talvez não tivesse o mesmo apelo visual hoje se durante a sua popularização no Brasil ele não sofresse uma evolução gráfica. No começo, os livretos eram impressos somente com o título da obra e o nome do autor na capa. Nos anos 1950, passaram a circular com fotografias dos astros e estrelas do cinema americano até encontrar nos anos 1970 a sua maior expressão visual: a xilogravura. "São verdadeiras obras de arte feitas com uma técnica refinada, porém extremamente simples", resume o jornalista e tradutor mineiro Marcelo Alencar, um dos grandes colecionadores de xilogravuras no Brasil. "Sempre que vou ao Nordeste,

procuro um novo exemplar, especialmente as do pernambucano J. Borges."

Alencar refere-se a um dos maiores mestres da xilogravura, cujos desenhos talhados em madeira e depois impressos em papel já ilustraram obras famosas, como a capa do livro *As palavras andantes*, do uruguaio Eduardo Galeano, foram objetos de reportagem do *The New York Times* e exibidas em galerias norte-americanas e europeias. J. Borges, que mantém ativa produção num ateliê na cidade de Bezerros, também é um excelente cordelista. Da sua pena já saíram pérolas satíricas como *O casamento do boiolo*, a história de um deputado homofóbico que tinha um filho gay, escrito em 2009. Nada mais atual, portanto - como, aliás, sempre foi o cordel.

*Havia um político famoso
Muito forte e respeitado
Do povo de sua terra
Era muito acreditado
Eleito em todas as campanhas
Mas tinha um filho viado*

VERTENTES DO CORDEL

Os folhetos de cordel geralmente têm dimensões de 15x11cm, são impressos em papel jornal e o número de páginas fica entre 8, 16, 32 e 48, sempre em múltiplos de 8 para aproveitar a dobra que se faz das folhas usadas nos prelos manuais. Os de 8 e 16 páginas são utilizados para os textos noticiosos ou circunstanciais, enquanto os mais volumosos são reservados para os romances ou histórias de ficção. Ao longo dos séculos, algumas temáticas tornaram-se recorrentes na literatura de cordel. Conheça as principais e as sugestões de alguns títulos:

ROMANCES DE AMOR E SOFRIMENTO: são os mais consumidos e podem ser considerados os antepassados das telenovelas, pois mostram histórias de amor não correspondido, de virtudes e de sacrifícios. Entre estes estão *Os sofrimentos de Elza ou os prantos de uma esposa* e *Alonso e Marina ou a força do amor*.

CICLOS MÁGICOS E MARAVILHOSOS: são as famosas histórias de tancroso (ou da carochinha), que tratam de reinos encantados, fadas, feitiços e dragões. Destaque para *Pavão Misterioso* e *História do príncipe do Barro Branco* e *A princesa do reino do Viti Não Toma*.

CICLOS DO CANGAÇO E RELIGIOSOS: abordam o vasto imaginário ligado a figuras como Lampião, Maria Bonita, Antônio Silvino, Corsico, Dadá, Padre Cicero, Frei Damiano, Antônio Conselheiro etc.

CICLOS DOS ANTI-HERÓIS: falam de nordestinos que venceram mais pela esperteza do que pela força. Pedro Malazarte e João Grilo são os mais famosos.

FOLHETOS DE DISCUSSÃO E DE EXEMPLOS MORAIS: apresentam dois pontos de vista sobre uma mesma questão e deixam um aprendizado: *A discussão de São Jorge com os americanos na Lua*, *A mãe que xingou a filha no ventre e ela nasceu com rabo e chifre em São Paulo*.